

O FIM DO TRABALHO: CRISE OU NOVA CIVILIZAÇÃO, PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO

Luís Távora Furtado Ribeiro¹

RESUMO

Relacionar o fenômeno mundial do desemprego, relacionar as transformações no mundo do trabalho, crise do capitalismo, conjuntura geopolítica mundial e educação é o objetivo desse trabalho. Nesse contexto adverso apresentam-se as perspectivas sociais para as novas gerações tendo como centro a problemática educacional.

A tese fundamental é que numa conjuntura mundial de crise social e de desemprego, concomitante ao advento das novas tecnologias, a educação ressurgiu como questão central para o desenvolvimento econômico e a democracia. Interesses contraditórios entram em jogo os empresários e os governos apresentam suas propostas. Cabe refletir sobre as possibilidades de democratização da escolarização e dos seus objetivos. Temas como: trabalho e novas tecnologias, especulação financeira, desemprego, problemática das cidades, conjuntura geopolítica, globalização X localismo, fundamentalismo, e Educação são articulados num panorama geral introdutório da sociedade contemporânea.

ABSTRACT

The aim of this work is to establish relations among the global phenomena of employment the transformations in the working system, the crises in capitalism, international geopolitical context and education. In this adverse situation the social goals

are presented to the new generations having as nucleus the problem of education. The fundamental thesis is that in a structural social world crisis and of unemployment, concomitant with the appearance of new technologies, the education Rise again as central question to economia development and democracy. Contradictory interests come to scene. The undertakers and the governments present their proposals. It is necessary to think about the possibilities of democratization in school process and of its goals. Subjects as: work and new technologies, financial speculation, unemployment, the problems of the cities, geopolitical context, globalization X local economy, Religious fundamentalism and education are articulated in the general scenery introductory to contemporary society.

Srs. pais, Não deixe seu filho aumentar a fila dos desempregados.

Ligue ou visite agora mesmo, O Curso preparatório às escolas Militares.

Nossa proposta é capacitar seu filho a ser um oficial...²

INTRODUÇÃO

O eloquente texto acima traz uma síntese da dramaticidade contemporânea do problema do desemprego. Nele encontramos algumas das questões que parecem sintetizar o pensamento do homem comum a respeito do problema:

¹ Professor do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Universidade Federal do Ceará, doutorando em Sociologia pela UFC.

² Trechos de um panfleto de propaganda, distribuído por um jovem desempregado, num sinal de trânsito em Fortaleza. Grifos do original.

• O desemprego é uma grande ameaça na sociedade contemporânea;

• Essa ameaça atinge a todos, especialmente as novas gerações e suas famílias como um perigo iminente;

• A responsabilidade pelo desemprego futuro dos filhos parece recair sobre os pais, ficando na dependência de suas decisões, ações ou omissão;

• A educação dos filhos é apontada como única saída para as famílias, o que demonstra uma preferência por soluções particulares, individuais;

• Observe-se que o termo educação é compreendido de forma reducionista como “capacitação”; em outras situações, encontramos termos cheios de significado como treinamento, qualificação ou reciclagem;

• Não se mencionam quaisquer análises do fenômeno socioeconômico estrutural mais amplo, numa superficialidade teórica flagrante.

Nessa pesquisa abordaremos algumas dimensões da problemática do trabalho - ou do emprego, ou do desemprego- na sociedade atual, tomando como universo teórico-metodológico dois aspectos fundamentais:

• Questões conjunturais básicas sobre a sociedade atual, enfatizando as dimensões gerais das transformações que atingem o mundo do trabalho e do emprego na sociedade capitalista pós-industrial;

• Pesquisa empírica a partir da observação e entrevistas com trabalhadores desempregados que procuravam emprego na “fila dos desempregados” do Sistema Nacional do Emprego, SINE-CE, em Fortaleza.³

A pesquisa foi realizada no período de julho de 1996 a julho de 1997. Não sendo exaustiva, nem minuciosa como desejaríamos, tem por finalidade contribuir para o debate e a compreensão dos aspectos gerais que interagem no problema do desemprego, enquanto crise conjuntural do capitalismo, drama pessoal e familiar que atinge de maneira indelével as biografias e histórias de vida de incontáveis trabalhadores e suas famílias.

Compreendendo-se tradicionalmente o capital pelas palavras de KARL MARX, como valor que se valoriza num processo contínuo de acumulação de riquezas a partir da extração de mais-valia do trabalho, tivemos um modelo conceitual adequado para explicar em linhas gerais o modelo ampliado de acumulação burguesa.

Modelo utilizado para se traduzir a acumulação do capital e para explicar o padrão de exploração capitalista sob o modelo fordista-taylorista, necessita ser

atualizado para explicitar teoricamente os dilemas atuais do mundo do trabalho, agora sob novas condições históricas.

O modelo taylorista-fordista de produção e organização industrial, possuía algumas características básicas que possibilitaram, durante aproximadamente um século, o desenvolvimento do capital e a constituição da classe operária. Dentre elas:

• Utilização de grande número de trabalhadores por unidades de produção;

• Execução de tarefas pré-definidas e repetitivas, caracterizadas pela especialização das atividades e pelo estabelecimento de rotinas nas fábricas;

• Existência de enorme contingente de trabalhadores, o exército industrial de reserva, aptos à substituição imediata dos operários em atividade pelos mais diferentes motivos, da incompetência à insubmissão;

• Alta rotatividade de mão-de-obra;

• Baixos níveis de escolaridade e educação formal entre os trabalhadores;

• Tensões sociais constantes devido a fatores como os baixos salários, o desemprego, a pobreza, a violência e a moradia, a vida precária nos subúrbios das cidades;

• Combate à exploração patronal através da organização dos trabalhadores em sindicatos e mobilização característica através das greves;

• Produção em série nas linhas de montagem destinada ao consumo de massa.

No início dos anos 70 ocorrem mudanças fundamentais que vão definir toda uma reestruturação produtiva no capitalismo e redefinir um novo modelo de exploração da classe trabalhadora.

As atuais transformações no mundo do trabalho vêm, aproximadamente, dos anos 70, e são caracterizadas por uma ampla combinação de fatores. Dentre eles podemos destacar:

• Ecloração da revolução tecnológica, especialmente nos setores de microeletrônica, informática e automação (robótica);

• Utilização de novas formas de gestão e tomada de decisões, introduzindo mecanismos de descentralização que trariam como objetivo dar maior agilidade à tomada de decisões nas fábricas e nas empresas;

• Necessidade de um trabalhador melhor qualificado e mais escolarizado que tivesse como características de atuação, liderança, capacidade de trabalhar em equipe, motivação e criatividade na resolução de problemas;

³ Fila dos Desempregados, termo utilizado pelos próprios trabalhadores. Esse texto constitui apenas a parte inicial do relatório final da pesquisa.

- Liberação de enormes contingentes de mão-de-obra e utilização nas fábricas e nas empresas de trabalhadores divididos basicamente em dois níveis: um pequeno grupo de trabalhadores qualificados, bem pagos e motivados, e um outro grupo mais numeroso de trabalhadores, caracterizados por serem considerados substituíveis, mal-remunerados, executores de tarefas que podem ser realizadas por terceiros, submetidos a condições de exploração anteriores às formas de exploração capitalista;

- Introdução progressiva do trabalho terceirizado, caracterizado pela utilização de serviços por empresas contratadas para realizar tarefas específicas, geralmente temporárias. Essas atividades têm crescido nos setores de manutenção de equipamentos, segurança e limpeza, transportes, alimentação e entretenimento, dentre outros;

- A ampliação do setor de serviços reduz o número de trabalhadores diretamente utilizados no setor produtivo. Ressalte-se que o crescimento dos serviços não absorveu a enorme quantidade de trabalhadores liberados pelo setor produtivo, o que eleva o desemprego a níveis alarmantes;⁴

O aumento do desemprego é agravado pela utilização pelos governos de políticas de valorização das moedas baseadas no endividamento. Tudo se combina através do aumento dos juros - para conter o consumo -, e pela abertura indiscriminada das importações, para segurar os preços pela concorrência dos produtos externos.

O endividamento e a queda nas exportações seria compensado pela venda de empresas - privatizações - e pelos cortes nos gastos sociais através de reformas na previdência social e na administração pública.

Combinam-se nesse momento, mudanças no mundo do trabalho, políticas governamentais e crise social, numa complexa rede de relações cujas conseqüências a médio prazo são imprevisíveis.

Modelo produtivo aparentemente triunfante com a derrocada dos regimes socialistas no final dos anos 80, o capitalismo patrocina uma revolução tecnológica sem precedentes, ao lado de uma concorrência intercapitalista acirrada. Uma conseqüência são as megafusões empresariais que geram grupos econômicos gigantescos, mais poderosos que os governos nacionais.

⁴ Dados do Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos, DIEESE, afirmam que o desemprego na cidade de São Paulo em setembro de 1997 atingiu um percentual de 15,9% do total dos trabalhadores. O número de desempregados chega a 1.300.000 trabalhadores.

O capitalismo em sua história tem se caracterizado por uma dupla contradição: produção de riquezas e acumulação de capital. Nunca na história da humanidade foram produzidos tantos bens e a vida cotidiana foi tão facilitada, especialmente pelo desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação. Ao mesmo tempo, jamais se viu tão grave crescimento dos níveis de pobreza e separação social entre pobres e ricos.⁵

Emerge desse processo uma outra contradição fundamental: ao mesmo tempo em que revoluciona a produção o capitalismo institui como sistema mundial a especulação financeira. O dinheiro adquire status de riqueza desvinculado do processo de produção social de mercadorias. Transformado numa espécie de gigantesco cassino, o mercado financeiro mundial transforma dinheiro em mais dinheiro, num processo global de dolarização que varreu da economia o padrão de riquezas baseado em ouro e que obriga todas as economias dos países a utilizarem a moeda norte-americana como padrão de referência.

Nesse contexto, a riqueza monetária supera a riqueza patrimonial. Terra, rebanhos, imóveis e mercadorias tornam-se riqueza secundária, submetidas aos ditames da especulação financeira. Transformados em financiamentos, títulos da dívida, juros e hipotecas, os bens patrimoniais perdem autonomia, destronando setores de antigas frações de classe social dominante como latifundiários, especuladores com imóveis e grandes comerciantes.

Essa autonomia dos mercados financeiros se origina também nos anos 70 por uma combinação de fatores como o financiamento da guerra do Vietnã e do armamentismo na guerra fria e pelos constantes deficits comerciais norte-americanos frente à Europa e o Japão.

Endividado, o governo americano recorria ao financiamento público através da elevação da taxa de juros que atraía capitais transnacionais, especialmente os petrodólares. Também merece destaque o financiamento da industrialização dos países do terceiro mundo a juros baixos, o que vai gerar a crise da dívida externa dos países em desenvolvimento quando a dívida foi cobrada, uma década mais tarde, sob condições de juros desfavoráveis.

Essa combinação de papéis no mercado financeiro internacional gerou a autonomização das moedas

⁵ Segundo a revista americana *Forbes* de setembro de 97, os homens mais ricos do mundo têm sua riqueza calculada em bilhões de dólares. Ao mesmo tempo, segundo dados do UNPD-95, 33% da população dos países em desenvolvimento vivem com menos de 1 dólar por dia. Ver OLIVEIRA (1996, p.67).

frente ao ouro e a eclosão internacional das transações monetárias com papéis da dívida norte-americana, da dívida externa dos países, títulos de ações das empresas nas bolsas de valores, gerando um gigantesco mercado mundial da dívida mobiliária.

Trata-se, portanto, de uma crescente e desenfreada autonomização da esfera monetária sobre a economia real. Ressalte-se que uma crise de confiança mundial ou localizada pode fazer ruir todo esse aparentemente sólido castelo de cartas, gerando crises monetárias gigantescas, combatidas, até agora com "endividamento internacional", - endividamento ao FMI, Banco Mundial e países ricos - como na crise do México em 1994 e na crise das economias asiáticas em meados de 1997.

O capital globalizado acirra a concorrência entre as empresas que se tornam, cada vez mais gigantescas e impessoais, comandadas por executivos, cuja tomada de decisões sobre investimentos, prioridades e maximização dos lucros são realizadas por grupos restritos de acionistas majoritários, conectados pelos mais avançados meios de comunicação a partir de cidades como Nova Iorque, Londres, Berlim e Tóquio.

Devido à concorrência mundial, os grupos realizam megafusões empresariais, tornando-se ainda mais poderosos, com os objetivos de monopolizar setores ou diversificar investimentos em diferentes áreas. Ao executarem suas políticas de atuação tornam-se mais poderosos que os governos dos países, obrigando-os a realizar políticas de incentivo aos investimentos para implantação ou ampliação de fábricas, sob a característica marcante da renúncia fiscal.

A consequência para os estados é a queda na arrecadação de impostos, agravadas pelas despesas com a infra-estrutura necessária para o funcionamento das empresas. Impotentes diante do grande capital, os estados nacionais entram em crise, e são levados a uma política de criação de grupos de países unidos através de mercados comuns. Mais uma vez a queda de fronteiras tributárias e alfandegárias enfraquece os estados, favorecendo ainda mais a livre circulação de capitais.

Toda a problemática social decorrente desse novo arranjo internacional se expressa e manifesta nas cidades, instituídas como centros de produção - trabalho -, e consumo de produtos. De modo progressivo, numerosos grupos sociais deixam o campo para viver nas cidades, onde a perspectiva de facilidades com a industrialização, comunicação, transportes, saúde e educação, atraíram milhões de pessoas, especialmente na metade final desse século.

Cidades médias promissoras nos anos 50, tornaram-se megalópoles nas décadas de 70 e 80, caracterizadas pela concentração dos mais diferentes problemas sociais, do desemprego à violência, da massificação à degradação do meio ambiente, da corrupção política às limitações do acesso à saúde e à educação.

Esse problema se agrava especialmente nas cidades do terceiro mundo. Cidades como São Paulo, Xangai, Pequim, Cidade do México, Nova Delhi, Bangladesh, Medellín, Cidade do Cabo, Argel, Rio de Janeiro, Teerã e Manila, aparentemente, e efetivamente tão díspares, têm em comum problemas sociais insolúveis a médio prazo, particularmente nos setores de habitação, lazer, segurança, educação, meio ambiente e saúde pública, sem mencionarmos as questões relacionadas ao trabalho e ao desemprego.

De modo especialmente dramático para os jovens, vemos crescer em níveis mundiais o tráfico e o consumo de drogas. Seu combate através de medidas meramente repressivas, não consegue atingir as origens do problema, que parece intimamente ligado à dramaticidade da vida moderna, especialmente nas cidades.

Tudo parece apontar na direção de novo modelo de desenvolvimento que privilegie a vida urbana em pequenas e médias cidades, numa nova ótica de relação com o meio ambiente e novas relações de convivência que privilegiem espaços públicos de convivência e lazer, em detrimento da atual sociabilidade baseada, quase que exclusivamente, nas dimensões do trabalho e do consumo.

Lembremos que os problemas sociais e sua manifestação no urbano não são privilégio dos países em desenvolvimento. As cidades europeias têm na agenda do dia, questões políticas e socioculturais ligadas à crescente imigração nos países do terceiro mundo.

Nos EUA, aos tradicionais problemas de discriminação relacionadas às minorias étnicas e sociais, - negros, índios, pobres e mulheres -, soma-se o crescente problema dos hispânicos, como são genericamente classificados os imigrantes ilegais da América Latina.

Na Europa, os problemas relacionam-se aos refugiados políticos e aos imigrantes de regiões mais próximas da Ásia e da África, em especial de sua região norte. Refugiados sérvios, bósnios, curdos, marroquinos, argelinos e albaneses constituem-se atualmente questão política insolúvel a curto prazo especialmente em países como a Alemanha, a França e a Itália.

Entre os europeus do ocidente em vias de unificação política e econômica no Mercado Comum Europeu, são também problemáticas as migrações originárias dos países do leste europeu, conduzidos pela

falência do modelo soviético, pelo desemprego e pelos baixos salários.

Não apenas nas grandes cidades se percebe o problema social. Em povoados e regiões camponesas da Ásia e, especialmente da África, a miséria e a estagnação econômica caminham passo a passo, deixando aquelas regiões dependentes, quase que exclusivamente, da ajuda humanitária dos países ricos e de organismos multilaterais como o Banco Mundial e o FMI.

O que poderíamos chamar de “exclusão macro-social continental” agrava-se ainda mais pelas consequências da fome como em Biafra, na Etiópia e na Somália nas últimas décadas do século XX, e guerras civis intermináveis motivadas muitas vezes por motivos étnicos e tribais. Sua consequência imediata é a morte indiscriminada de milhões de civis.

O mundo assistiu estupefocado aos massacres em Ruanda e no Burundi, as guerras civis em Angola, na Libéria e no Zaire, - agora República do Congo -, que demonstram e ampliam a estagnação e a falta de perspectivas atuais do continente africano.

Mesmo a Europa não está imune a guerras civis. A guerra na ex-Iugoslávia apresentou, sem retoques, a crueldade de massacres e a destruição entre as etnias dos sérvios, croatas e bósnios.

Merece especial destaque o conflito árabe-israelense que prossegue e se renova. Ele se alimenta pelas mortes em operações militares recentes como a denominada “As Vinhas da Ira”, realizadas pelo governo de Israel no Líbano, e os atentados suicidas de grupos de radicais árabes em lugares públicos de Jerusalém e Tel Aviv. Ressalte-se o esforço de paz de grupos moderados de ambos os lados e a perspectiva da ação social e da crença no futuro, mesmo em condições adversas.

Também merece destaque a Guerra do Golfo em 1991, que expôs para o mundo as contradições e a violência das decisões estratégicas de uma sociedade cuja energia ainda é, predominantemente, extraída do petróleo. Não se pode esquecer o espetáculo macabro dos bombardeios espetaculares, - sob o eufemístico slogan, “tempestade no deserto”-, transmitidos ao vivo pela TV. Esse espetáculo apresentou ao mundo a criação tecnológica da “guerra cirúrgica”: combinação inusitada de táticas militares não convencionais, alta tecnologia e sofisticada propaganda.

Fica patente para todos que ainda são consumidos gigantescos esforços e recursos para financiar a indústria da guerra. Recursos que serviriam para fins pacíficos e sociais são destinados a vultosas pesquisas

que consomem recursos humanos e materiais com o objetivo não declarado de destruição da vida humana.

Como se vê, o poder no mundo parece continuar a favor dos países que reúnem o poder econômico, a ciência, a técnica e o poder militar.

AS DIMENSÕES DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA: PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

*Essa é a nova dança do desempregado.
Se ainda não dançou, tá na hora de aprender.
Essa é a nova dança do desempregado.
Amanhã o dançarino pode ser você.⁶*

Percebe-se nesse contexto mundial de desemprego e exclusão social uma dupla dimensão constituinte da atual conjuntura mundial: a tendência crescente e irreversível à globalização, ao lado de manifestações de busca de afirmação de identidades nacionais, regionais ou locais, de matriz étnica ou religiosa.

De acordo com HALL (1997:101) é característica atual entre as nações o crescimento do nacionalismo e do fundamentalismo religioso. Essa seria uma reação das sociedades tradicionais ao modelo de modernização ocidental e a tentativa de se manterem e se reconstituírem identidades culturais. Esses movimentos provocam o acirramento do radicalismo, do isolacionismo e da violência, trazendo consigo o perigo do fechamento diante das mudanças e da diversidade.

Ainda segundo HALL (op. cit. p. 102 e 103), tratar-se-ia da construção de estados nacionais unificados a partir de “identidades culturais homogêneas”, tanto de caráter étnico quanto religioso.

Como se vê, a tendência mundial à “homogeneização global” traz como reação a “homogeneização local” através da etnia, da religião e de vínculos culturais baseados na tradição.

No mundo árabe, de religião islâmica, essa reação tem um marco com a revolução dos Aiatolás do Irã em 1979, contra o regime do Xá Reza Pahlevi, favorável aos EUA. Na Líbia e na Argélia, essa tendência é muito clara com o acirramento da violência e do terrorismo. Os grupos rebeldes argelinos atribuem sua revol-

⁶ Canção popular em ritmo de samba do compositor de rap, Gabriel O Pensador.

ta, ao golpe militar de 1991 que impediu que o partido islâmico assumisse o poder após vencer as eleições. Acusados dos massacres de milhares de civis, acusam os militares pró-ocidentais de toda a violência.

No universo religioso da América Latina é relevante o crescimento de outra forma de fundamentalismo, agora cristão, de caráter pentecostal. Esse movimento tem seduzido as massas de origens sociais diversas desde os setores populares, atingindo de maneira marcante amplos setores das classes médias.

Esse modelo parece uma reação à massificação e à burocratização crescente das estruturas de poder na modernidade. Na falta de canais de expressão e participação as massas aderem ao culto religioso onde se estabelece uma comunicação direta com o sagrado, sem mediações.

Músicas e orações de libertação - e certas experiências de exorcismo -, tratam de libertar o corpo e o espírito possuído pelo "mal". Os demônios exorcizados são, na verdade, o stress, a massificação, a solidão e o desespero da vida moderna, dentre muitos outros. O contacto direto com Deus tenta suprir, inconscientemente, a distância dos poderes públicos e seus serviços cada vez mais inacessíveis às massas.

A superação de dramas sociais como a saúde, o desemprego e o alcoolismo, saem da esfera do estado inacessível, sendo tratados diretamente com a divindade, numa opção que provoca uma perigosa despolitização crescente das massas, muito favorável à manutenção das atuais estruturas de poder. Esse contexto, se por um lado amortece as tensões sociais, por outro, potencializa a violência por reprimir e apenas adiar demandas sociais nunca atendidas.

No contexto educacional também ocorrem mudanças significativas. Durante todo esse século, o trabalho se constituiu como principal instância produtiva. No atual contexto, a ciência e a tecnologia assumem o papel de instância produtiva fundamental, abrindo espaço para uma nova organização centralizada agora no trabalho intelectual.

Com a globalização da economia e as novas tecnologias, assistimos à necessidade de qualificação das massas trabalhadoras através do que poderemos chamar de "Mundialização da Educação Básica". Seu marco internacional se dá na Conferência Mundial de Educação para Todos, em 1990, na cidade de Jontiem, na Tailândia.

Patrocinado pelo UNICEF, esse encontro apresentou os objetivos gerais para a educação no terceiro e quarto mundos. Aos estudantes dos países signatários foram definidas como prioridade mundial as Necessidades Básicas de Aprendizagem, NEBAS.

Elas se resumem a quatro habilidades fundamentais: Ler, Escrever, Contar e Resolver Problemas.

A proposta se assemelha em todos os pontos com as demandas empresariais para a educação. Num documento de 1992⁷, após uma análise da conjuntura socioeconômica, eles apontam para a necessidade de oferecer a toda população brasileira pelo menos de 8 a 10 anos de escolaridade mínima:

[...] nenhum país pode entrar em competição internacional sem antes haver estabelecido um sistema de educação onde a totalidade da população tivesse atingido um mínimo de 8 a 10 séries de educação de boa qualidade.

Para que isso ocorra propõem mecanismos ao Governo Federal que ataque dois pontos críticos:

- O estabelecimento de mecanismos de **financiamento da escola pública**;
- E o estabelecimento de mecanismos de **controle da qualidade** das escolas;

Utilizando a mesma linguagem tecnocrática afirma ainda o documento:

[...] o saber tornou-se o insumo essencial para a competitividade entre as nações. Daí a importância de se repensar o mecanismo que gera esse saber, ou seja, o sistema educacional.

Citando os exemplos da Europa e do Japão o documento prossegue:

... definir com clareza o tipo de escola que estavam dispostos a proporcionar a toda a população, através do estabelecimento de padrões mínimos de insumos e de um montante assegurado de recursos para o seu funcionamento. De outro, estabelecem os padrões de desempenho e os mecanismos de controle da qualidade.

Por esse caminho, a educação escolar deveria atender a padrões rígidos de controle externo numa espécie de rígida e indisfarçada fiscalização. Proliferam desde então nos países pobres, dispendiosos programas de avaliação escolar, geralmente de acordo o modelo norte-americano.

⁷ Educação e Competitividade Empresarial, Fundação Herbert Levy e Fundação Bradesco, 1992.

Essas avaliações são criticadas por não atingirem a riqueza cultural plural dos diferentes grupos sociais, e pelo perigo de privilegiarem um conhecimento elitizado. Desconsiderando o saber das comunidades locais, pobres, negras, indígenas e das mulheres, não levam em consideração os saberes do cotidiano de setores sociais relevantes como o dos camponeses e dos moradores das periferias urbanas.

A educação que se torna cada vez mais fundamental, não pode continuar a ser elaborada por tecnocratas, reduzida ao ensino profissional, ou limitada ao reductionismo das NEBAS.

Deve-se buscar a educação baseada em parâmetros mais complexos como:

- A pesquisa para a produção do conhecimento nas diferentes áreas;

- A produção e a difusão da arte e da cultura como momento fundamental do desenvolvimento da criatividade;

- O cultivo e incentivo ao pensamento como instância crítica e constitutiva da autonomia humana;

Em todo esse contexto, os jovens e suas famílias são atingidos de modo muito especial e de grande dramaticidade. Num momento histórico de tamanha perplexidade, lembramos as palavras de uma mãe de um filho adolescente, após um curso sobre a realidade atual do mundo do trabalho: - "Tenho passado noites sem dormir, preocupada com o futuro do meu filho."

Nessa situação até compreensível, percebemos como se agrava em nossos dias a problemática do individualismo e da preocupação das massas com soluções restritas ao mundo privado de nossas relações familiares.

Uma reflexão indispensável nesse momento, é que não existem soluções individuais. A complexidade dos problemas atuais é a de que a dimensão das questões sociais atinge contornos mundiais. E não há superação possível, no contexto de uma sociedade centrada no materialismo de uma vida baseada numa ética do trabalho e do consumo.

Para os jovens, ante a ameaça do desemprego, o ensino funcionaria como uma espécie de última chance. Nas palavras de FORRESTER (1997:76-78):

É essa noção de última chance que sublinha sua miséria e o perigo que os ameaça, suscita, tanto nos professores quanto nos alunos, uma angústia insidiosa que exaspera as tensões... São propostas como as que se ofere-

cia a Alice, no seu país das maravilhas malélicas, pratos suculentos mas fugazes, retirados antes que ela pudesse se servir. Essa é a promessa fingida de algo que jamais se degustará ...

A essa visão de um pessimismo realista a autora acrescenta:

Já que o caminho dos empregos se fecha, o ensino poderia pelo menos adotar como meta oferecer a esses gerações marginais uma cultura que desse sentido à sua presença no mundo, à simples presença humana, permitindo-lhes adquirir uma visão geral das possibilidades reservadas aos seres humanos, uma abertura sobre o campo de seus conhecimentos. E, a partir daí, razões de viver, caminhos a abrir, um sentido para seu dinamismo imanente.

CONCLUSÃO

Se a educação escolar é uma necessidade premente das empresas ante as novas tecnologias, retoma seu espaço como esperança das novas gerações na produção e difusão da arte e da cultura. Seu desafio, como um trabalho de Hércules, é possibilitar o pensamento numa sociedade de massas sociais deformes.

Numa sociedade burocrática e nada participativa, caracterizada pelo Estado quase inacessível e pela mídia que molda consciências, cabe à escola ocupar seu espaço dentre as carências humanas mais fundamentais desse fim de milênio: recriar-se como espaço público de comunicação, participação, criatividade e criticidade.

Talvez seja o caso de virar os os projetos capitalistas de pernas para o ar. E cantar com Raul Seixas:

*Enquanto você se esforça prá ser,
Um sujeito normal.
Eu, do meu lado,
Aprendendo a ser louco.
Um maluco total.
Controlando a minha maluquez,
Misturada com minha lucidez.*

BIBLIOGRAFIA

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL E COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL, Fundação Herbert Levy e Fundação Bradesco, São Paulo, 1992.

FERNANDES, Maria Estrêla Araújo. *Geografia da Violência*, Fortaleza, 1997.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Unesp, 1997.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A Globalização e a Problemática do Terceiro Mundo. *Revista de Educação da AEC*, n. 100, Brasília, 1996.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *Sociedade contemporânea: Crise e Perda de Identidade*, Grupo de Estudos Ambientais. Fortaleza: GEA/ UFC, 1997.

TOMMASI, Livia de, WARDE, Miriam Jorge e HADDAD, Sérgio, *O Banco Mundial e as políticas educacionais*, São Paulo: Cortez/ PUC-SP, 1996.

HALL, Stuart, *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.